

## A NUDEZ DA VERDADE

Nem todos suportam a nudez da Verdade. Por isso criou-se o símbolo da Verdade nua, no fundo do poço. Mas no Espiritismo não pode ser assim. A Verdade é o seu Objetivo. O Espírito da Verdade é a alma da Doutrina. No Espiritismo se cumpre a promessa evangélica da Verdade. Seria absurdo que os espíritas preferissem a mentira, a fantasia, a ilusão, o disfarce — à realidade natural das coisas e dos fatos. Fatos são fatos e se impõem por si mesmos. E é nos fatos que o Espiritismo se apoia e se fundamenta.

Um fato está diante de nós: os textos doutrinários do Espiritismo começam a ser adulterados em São Paulo. Quem os adultera não é uma pessoa isolada, cujo erro poderia ser facilmente rejeitado. É uma instituição doutrinária até agora respeitável — a Federação Espírita do Estado de São Paulo, através do seu Departamento do Livro Espírita e com o endosso público, decisivo e irrevogável da Diretoria e do Conselho deliberativo dessa instituição.

Fomos a primeira entidade espírita a denunciar o fato e a expô-lo com clareza e precisão ante o movimento doutrinário. Tivemos depois a adesão de outras entidades que felizmente cerraram fileira conosco. Mas tivemos também a surpresa das reações, das críticas insensatas, das acusações mentirosas e das insinuações caluniosas. É mais do que isso: fomos impedidos, através de manobras sorrateiras, tipicamente farsaiscas, de sustentar a verdade dos fatos e de defender a Verdade doutrinária contra a mentira mundana.

Estamos agora diante desta realidade estarrecedora: o movimento espírita se dividiu em duas partes, uma que sustenta a Verdade e outra que defende a mentira, a deturpação dos textos. É dura esta realidade, bem o sabemos, mas é real, concreta, palpável, inegável. Chegamos a um momento decisivo, a um divisor de águas. Não há mais lugar para acomodações, para indecisões, para o jeitinho dos que preferem as conveniências. Ficamos com a Verdade ou ficamos com a mentira. Uma frase evangélica define esta situação: "Seja o teu falar sim, sim; não, não, pois o passar disto vem do maligno".

Não podemos recuar, nem calar. O que está em jogo não é a nossa opinião pessoal ou grupal, a nossa verdade particular. O que está em jogo é o Espiritismo, a Verdade Universal pregada por Jesus, destruída nas fogueiras da mentira e ressuscitada pelo Espírito da Verdade.

Essa a razão de MENSAGEM, um jornal que ensaiamos neste número e lançaremos em forma definitiva no próximo número. Não temos compromissos com ninguém, com nenhuma instituição humana, apenas com a instituição divina da Doutrina Espírita, revelada pelos Espíritos Superiores e comprovada pelos homens de bom senso. Confiamos na Verdade. E, por isso, esperamos que MENSAGEM esclareça os espíritas sinceros que ainda permaneçam iludidos.

## ADULTERADORES DA OBRA DE KARDEC IMPEDEM A DIVULGAÇÃO DA VERDADE

### O que aconteceu com o programa No Limiar do Amanhã?

Quando Herculano Pires chegou a Radio Mulner, no dia 6 de novembro último, já tinha três programas gravados: para 9, 16 e 23. Antecipava as gravações por causa da remessa de fitas para outras emissoras que repetiam o seu famoso programa em outras cidades. Recebeu então, da boca do próprio diretor proprietário da Radio, a surpreendente notícia: "O programa do dia 9 foi desgravado, não sei como nem porque". Era a primeira vez que isso acontecia. Herculano ouviu ainda as explicações do diretor sobre as causas possíveis do acidente, mas não as engoliu. Percebia o que acontecera.

O diretor perguntou-lhe se devia lançar no programa o pronunciamento da Federação Espírita do Estado sobre o caso. Herculano respondeu que isso era evidente. A FEESP tinha o direito de explicar-se. E era necessário que saísse do seu mutismo. O diretor perguntou: "O Sr. vai responder?". "Sim, disse ele, devo analisar esse pronunciamento no próximo programa". O pronunciamento da FEESP não dizia nada, a não ser confirmar e sustentar a adulteração. Os leitores lerão esse pronunciamento e sua análise completa na sequência desta matéria.

O programa desgravado misteriosamente, que devia ser levado ao ar no dia 9, era o mais completo sobre a adulteração. No lugar dele foi transmitido o do dia 11, e pouco se referia ao assunto. E abrindo essa transmissão histórica ouviu-se o pronunciamento da FEESP. Era a primeira vez que a verdade se deixava vencer pela mentira no heróico programa. Mas isso era necessário. A mentira devia ser lançada para que os ouvintes a conhecessem. No programa do dia 11 a verdade se imporá de novo. Mas esse programa também foi substituído. Herculano o datilografou inteirinho, palavra por palavra, coisa que nunca fizera. Queria que o script fosse lido pelo diretor da Radio, que devia dizer se o programa devia ser gravado ou não. No dia da gravação, como de costume, um carro da Radio foi buscá-lo em casa. No estúdio, encontrou tudo preparado. A ordem era gravar. Mas a gravação ficou no arquivo ou foi desgravada, sabe-se lá! Mandaram para o ar o programa que devia sair no outro sábado, dia 23. E nenhuma explicação era dada aos ouvintes. A verdade fugira diante da mentira. A voz do Professor, respondendo as perguntas dos ouvintes, não tinha mais nenhuma autoridade. Os ouvintes não sabiam que o programa era anterior e muitos ficaram estarrecidos ante o recuo inexplicável.

Herculano assistiu no seu aparelho de rádio à morte inglória do seu programa. Não voltaria mais à Radio. Recorreria à Justiça. Aquilo era um crime. O Programa "No Limiar do Amanhã" estava sendo estrangulado à traição pelos adulteradores. Impossível voltar ao microfone que passara, através de tantas manobras, para o campo da mentira. A verdade fora proibida, sufocada, jogada na cesta de lixo. Herculano chegou a consultar um advogado dos mais competentes e corajosos, o Dr. Luiz Carlos da Silveira, que entusiasmadamente aceitou a causa e acentuou: "Sem nenhum pagamento de honorários, pois será a minha homenagem ao programa No Limiar do Amanhã". Mas depois Herculano desistiu. O problema já é da alçada da Justiça terrena. A vítima não era ele, Herculano. A vítima se chamava Verdade e só podia fazer-se representar por Kardec e o Espírito da Verdade. A vítima também se chamava Evangelho e só podia ser representada, como esse nome, por Jesus, que não é réu, mas juiz.

Mas Herculano guardou as cópias do programa. E por isso que podemos publicar agora, na íntegra, o texto que a Radio Mulher sonegou aos

seus ouvintes. A Verdade se restabelece em letras de forma. Não pode ser desgravada de novo. Suas palavras não se perderão no vento. Os leitores podem ler o texto, rele-lo e guardá-lo em seus arquivos como um documento histórico da batalha da luz contra as trevas em terras de Piratininga.

### O CRIME PERFEITO

No dia 23 o programa No Limiar do Amanhã voltou ao ar de maneira aparentemente normal. Mas todos os ouvintes puderam sentir que não era mais o mesmo. A voz de Herculano não estava presente. Copiavam-lhe o sistema, a estrutura, mas logo de início faltava aquela frase viril que sempre o caracterizou: UM DESAFIO NO ESPAÇO! Não havia mais desafio. A verdade fora esmagada em favor das conveniências. E nem um aviso, nem uma nota sobre a ausência do seu criador, do homem que o lançara e mantivera no ar durante quatro anos seguidos. Esse programa não era o legítimo, o autêntico, que havia sido estrangulado. Agora estava no ar um cadáver falante, uma espécie de morto-vivo, de golém judaico (um morto artificialmente vitalizado e dirigido por algum mágico do passado remoto). Não anunciava o amanhã, lembrava o ontem.

Podemos parodiar uma frase célebre do saudoso Barão de Itararé: A Rádio Mulher cometera o crime perfeito, matara o programa e continuava a explorar-lhe o cadáver. Conservava-lhe o nome, o horário, a forma física, a máscara, mas não pudera conservar-lhe a alma. Só quem nunca ouvira o verdadeiro programa aceitaria o embuste. E porque tudo isso? Porque o programa legítimo se atrevera a defender a Codificação, a combater e rejeitar corajosamente a adulteração das obras de Kardec e do próprio Evangelho de Jesus. Esa a verdade nua e crua, indisfarçável e indefensável.

### O pronunciamento da FEESP

Começamos pelo texto integral do pronunciamento da FEESP, transmitido no dia 9, e que devia ser respondido no dia 16 pelo programa que a Rádio Mulher não transmitiu. A seguir, reproduzimos o texto do programa proibido, retirando-lhe apenas as indicações técnicas do script e as frases estruturais da programação. O que interessa é a análise do pronunciamento vazio da Federação, nesse vazio assustador que revela a absoluta falta de argumento e de razões que pudessem justificar, ao menos em aparência, as possíveis razões da adulteração do O Evangelho Segundo o Espiritismo.

"Relativamente à tradução de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" que acaba de apresentar a FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO declara:

1.o) A iniciativa de edição e tradução de sua responsabilidade, deve-se ao fato não de julgar insatisfatórias as traduções existentes, mas sim à contingência de não poder delas se utilizar sem pagar direitos, o que vinha impedindo o antigo anseio e o indeclinável dever de, nestes dias de crescente angústia, intensificar, com despreocupação pelo lucro, a difusão dos urgentes esclarecimentos e das ansiadas consolações de que aquela obra, é repositório misericordioso, fazendo-a a dispêndio menos inacessível ao grande público.

2.o) A tradução elaborada pelo companheiro Paulo Alves Godoy o foi com doação espontânea e prévia de todos os seus direitos o ideal de difundir "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

3.o) Qualquer examinador atento logo constatará que as modificações efetuadas são superficiais, não alteram os fundamentos da Doutrina, e não obstante inquinadas de adulterações, apenas ensaiam atualizações de forma na comunicação, amiude lembradas no meio espírita, como já oportunas.

4.o) Quando no começo do século, Antonio Lima fez uma tradução de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", para a Federação Espírita Brasileira, a fim de substituir edições anteriores, afirmou: "Esta nova versão teve por escopo expungir da antiga as incorreções que nela haviam".

Guillon Ribeiro, ao elaborar nova tradução do mesmo livro, substituiu muitas expressões,

dando à obra um caráter mais moderno. Isso prova que os livros comportam modificações periódicas nas formas, sem que isso atinja o fundo.

No passado, nas citações evangélicas, jamais se omita a apócope de Santo. Na atualidade, nem os espíritas nem os protestantes o fazem. Escrevem apenas Mateus, João, Marcos ou Lucas.

5.o) Esta Casa que, isenta de dogmatismo e sem se atribuir infalibilidade, sempre primou pela correção de suas atitudes em compatibilidade com a pureza doutrinária, por isso mesmo contava com críticas, normais num lançamento, mas conducentes ao aprimoramento do trabalho e apresentadas em termos serenos, fraternais e construtivos.

6.o) A FEDERAÇÃO ESPIRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO, colmeia cristã onde o "Amal-vos uns aos outros" frutifica à plenitude em cada dia de seu trabalho, permanecendo sempre aberta às sugestões e críticas construtivas que forem encaminhadas diretamente à sua Direção para as modificações que se fizerem oportunas nas próximas edições, encerra este seu único pronunciamento a respeito, sem mais nada declarar além de que continuaria confiando ao Alto, através da linguagem tranquila do tempo, o veredicto final tanto sobre as obras como quanto à validade das intenções".

São Paulo,  
30 de outubro de 1974.

A Diretoria

## NO LIMAR DO AMANHÃ: UM DESAFIO NO ESPAÇO!

Uma voz de mulher vos adverte, amigos: Estamos na Era da Verdade, no início de um novo ciclo da evolução terrena. Os alicerces de uma nova civilização, que é a Civilização do Espírito, foram assentados definitivamente no solo do planeta. Cumpra-se a promessa de Jesus sobre o envio do Espírito da Verdade, a fim de que toda a verdade seja restabelecida. As ilusões, os erros, as mistificações não poderão prevalecer. Mas as forças da treva, do obscurantismo, lutarão até o último instante para manterem o seu domínio na Terra. Temos de manter-nos firmes no caminho da verdade, para não nos acumplicarmos com os que batalham contra ela.

Jesus submeteu-se ao sacrifício da encarnação humana para trazer-nos a mensagem de luz do Evangelho. Os homens o crucificaram e deturparam a sua mensagem. Mas Jesus ressuscitou e prometeu ressuscitar mais tarde o seu Evangelho. A ressurreição de Jesus não se processou no corpo material, mas no corpo espiritual, que é o corpo da ressurreição, segundo ensina o Apóstolo Paulo. Também o Evangelho de Jesus ressuscitou em espírito e verdade.

Somos felizes, muito felizes por viver nesta época. Todo o atropelo do mundo, todas as suas angústias e todos os seus desesperos nada mais são, segundo as próprias expressões do Mestre, do que as dores de um novo nascimento. Uma nova era está nascendo. As inquietações de hoje marcam o início da Era do Espírito. O próprio Jesus ressuscita de novo, desta vez numa ressurreição conceptual, num corpo estruturado em conceitos e princípios de luz e amor.

Allan Kardec, um dos mais lucidos discípulos do Cristo, veio presidir na Terra, em Paris, a cidade luz, cérebro do mundo, ao advento do Cristianismo Redivivo. O Cristianismo é a doutrina do Cristo, e ele mesmo, o Cristo, está presente na sua doutrina. O Espiritismo é a dupla ressurreição de Jesus e do seu Evangelho. O Cristianismo ressurgiu entre nós no corpo luminoso da Codificação.

Só podemos tocar nesse corpo como o fez o Apóstolo Tomé: com a ponta dos dedos. Jesus nos permite o toque da verdade, o toque do reconhecimento. Ao tocar as chagas de suas mãos, ainda marcadas pelos cravos da crucificação, reconhecemos no Espiritismo o Messias e sua mensagem.

### A ANÁLISE DO PRONUNCIAMENTO

O Professor Herculano Pires, na condição de diretor do Programa No Limar do Amanhã, passa a examinar o pronunciamento da Federação Espírita do Estado de São Paulo sobre caso de adulteração do Evangelho Segundo o Espiritismo. A adulteração foi feita numa tradução de Paulo Alves Godoy, lançada pelo Departamento do Livro Espírita daquela instituição. O pronunciamento em causa foi transmitido neste programa, sábado passado, a pedido da Federação, diretamente dirigido à Direção da Rádio Mulher, que prontamente o atendeu, com plena e imediata aquiescência do diretor deste programa.

HP — Ao formular a denúncia da adulteração de O Evangelho Segundo o Espiritismo, através deste programa e do Diário de São Paulo, não tive a intenção de promover polémica. Meu único objetivo era despertar a Diretoria da Federação Espírita do Estado de São Paulo para o que me parecia um ato isolado do seu Departamento do Livro Espírita e advertir os espíritas em geral quanto à existência de uma edição — a primeira

no Brasil e no Mundo — formal e substancialmente adulterada, do livro básico da Religião Espírita, que se constitui numa interpretação espírita, e portanto em espírito e verdade, do Evangelho de Jesus. Cumpra o meu dever de espírita, e particularmente de jornalista, radialista e escritor espírita.

A Federação silenciou a respeito e sustentou a venda, já então iniciada em sua livraria e em outras livrarias espíritas, dessa infeliz tradução. Continuei a tratar do assunto na esperança de que a Diretoria, na qual contava com a firmeza doutrinária de dois grandes e velhos amigos, companheiros de longos anos de militância espírita, providenciasse a interdição da venda e fizesse um pronunciamento claro e corajoso a respeito. Isso aconteceu de forma negativa, com a plena aprovação da adulteração e estranha tentativa de justificá-la, no pronunciamento cujos itens passo a examinar, para esclarecimento do público ao qual devo esta explicação.

Passemos ao exame objetivo e sereno dos itens do pronunciamento definitivo da Federação, que ela mesma declarou ser o único e portanto irreversível.

1.o) No primeiro item declara a Federação que foi obrigada a fazer a sua própria tradução de O Evangelho Segundo o Espiritismo para poder vender o livro a preços mais acessíveis ao grande público, o que não poderia fazer com outras traduções, por não poder utilizar-se delas sem pagar direitos. Esse item atinge diretamente e injustamente a minha tradução do livro, do qual a própria Federação Espírita do Estado de São Paulo chegou a tirar uma edição sem nenhum pagamento de direitos. Esclareço que a minha tradução, como trabalho profissional feito para a Edicel (Editora Cultural Espírita Limitada) foi paga por essa editora. Entenda-se bem este ponto: a Edicel me pagou o trabalho de tradução, pois não tenho condições para fazer trabalhos dessa natureza gratuitamente. A Edicel é uma editora comercial. Não obstante, os direitos para lançamento de quantas edições ela desejasse fazer, eu lhes cedi gratuitamente. Quando a Federação se interessou pela minha tradução, assinei juntamente com o editor Frederico Giannini Junior um documento cedendo gratuitamente os meus direitos à Federação Espírita do Estado de São Paulo. Também gratuitamente, e com anuência desse editor, cedi os direitos à Lake (Livraria Allan Kardec Editora) à Editora Calvário, que lançou excelentes edições formato bolso, e posteriormente à Editora Três, da revista Planeta, que lançou edições para venda em bancas de jornais em todo o Brasil.

Considere-se nesse caso a atitude de desinteresse do editor Giannini, que não exigiu de nenhuma das editoras pagamento de direitos. Não obstante, a Editora Lake desentendeu-se com a Federação e eu me propuz a resolver a pendência, mas a Federação não se interessou pela minha intervenção e o Departamento do Livro me comunicou que resolvera fazer uma tradução própria, que confiaria a Paulo Alves Godoy. Consultou-me a respeito depois do fato consumado e concordei com a medida, lembrando, entretanto, que a minha tradução continuava ao inteiro dispor da Federação, de maneira inteiramente gratuita. Mas isso já não interessava, porque a Federação descobriu que havia espíritas desejosos, principalmente nos seus quadros diretores, de lançar uma tradução diferente, atualizada, de O Evangelho Segundo o Espiritismo, como se comprova no item 3.o do seu pronunciamento, que

logo mais analisarei. Assim, não foi por falta de um texto gratuito que a Federação lançou a tradução adulterada, mas porque entendeu que deve corresponder as solicitações desses companheiros inquietos, que já não se conformavam com o texto original de Allan Kardec. Essa a verdade que não constou do primeiro item do pronunciamento da FEESP, mas aparece de maneira inegável no terceiro item do pronunciamento. Note-se que a Federação já havia lançado uma edição da minha tradução sem qualquer pagamento de direitos, que eu lhes cedera gratuitamente.

2.o) O segundo item do pronunciamento da Federação diz textualmente: "A tradução elaborada pelo companheiro Paulo Alves Godoy o foi com doação espontânea e prévia de todos os seus direitos ao ideal de difundir O Evangelho Segundo o Espiritismo". Esta afirmação pressupõe que as demais traduções tiveram objetivos diversos, o que não é verdade e corresponde a uma insinuação caluniosa. Todas as traduções existentes foram feitas com o fim de difundir o livro de Kardec, menos a de Paulo Alves Godoy, cujo propósito evidente foi o de modificar o livro e portanto de adulterá-lo. Foi essa a única tradução em todo o mundo que se atreveu a tanto. De minha parte, tive de suspender serviços profissionais de tradução para editoras não-espíritas, que me pagariam de acordo com as tabelas vigentes, para fazer a tradução da Edicel por preço bastante inferior. Posso citar a tradução da obra pedagógica "O Emílio", de Rousseau, que a Editora Cultrix me encomendou, e cujos originais devolvi, sendo então confiados ao escritor Sérgio Milliet, que realizou a tarefa para aquela editora. O tradutor espírita não cobra a tradução de obras doutrinárias para ganhar dinheiro, mas porque precisa cobrá-la. Só pode fazê-la gratuitamente quando dispõe de recursos para dar de graça o tempo integral de serviço que uma boa e honesta tradução exige.

3.o) O terceiro item do pronunciamento da Federação merece também uma reprodução integral. Está assim redigido: "Qualquer examinador atento logo constatará que as modificações efetuadas são superficiais, não alteram os fundamentos da doutrina, e não obstante inquinadas de adulterações, apenas ensaiam atualizações de forma na comunicação, amiude lembradas no meio espírita como já oportunas".

Insinua este item que eu não examinei com atenção a tradução adulteradora, o que é uma evidente inverdade. Meu artigo de denúncia especificou os vários tipos de adulteração verificados no texto. Provei que não se tratava de modificações superficiais e adverti contra o perigo de pensar assim. O texto de Kardec foi subvertido, dizendo o contrário do que o Mestre escreveu. Provarei isso logo mais. A alegação de que se trata de ensaio de atualizações de forma na comunicação não tem sentido. Antes de mais nada, o texto de uma obra sagrada e clássica não é lugar para ensaios dessa natureza. Mas a verdade é que as formas de atualização empregadas pelo tradutor não correspondem a nenhuma espécie de atualização, não atualizam nada. Servem apenas para tornar o texto ridículo e incoerente. O livro rigorosamente lógico de Kardec transformou-se num livro ilógico, contraditório em si mesmo. E quem lembrava a miude no meio espírita a suposta necessidade dessas modificações? Os próprios elementos da Federação, particularmente do seu Departamento do Livro Espírita, como se vê pelas duas explicações que aparecem no vo-

lume da obra adulterada, a explicação do Departamento e a explicação do tradutor. Este item revela, portanto, o motivo real por que a Federação não quis servir-se de outra tradução, pois ninguém tivera antes a idéia de adulterar O Evangelho Segundo o Espiritismo, e nenhuma outra obra de Kardec.

4.o) O item quarto do pronunciamento da Federação alega que Antonio Lima e Guillom Ribeiro já haviam anteriormente modificado os textos desse livro. Mas esse mesmo item se desmente ao reproduzir estas palavras sensatas de Antonio Lima: "Esta nova versão teve por escopo expungir da antiga as incorreções que nela haviam". Lima não quis modificar Kardec, mas corrigir os erros de traduções anteriores, para oferecer aos leitores brasileiros uma versão mais precisa e fiel do texto kardeciano. Quanto a Guillom Ribeiro, sua intenção e seu esforço de tradutor, como o próprio item o demonstra, foi ajustar a versão brasileira à linguagem da época. Essas adaptações em tradução, desde que não afetem o sentido do texto, podem ser feitas, embora não sejam recomendáveis numa obra atualíssima como a de Kardec. Não obstante, a Federação serve-se desses casos para chegar de público a esta conclusão estarecedora: "Isso prova que os livros comportam modificações periódicas nas formas, sem que isso altere o fundo". Não, essa prova não decorre dos fatos mencionados, que nada têm a ver com a adulteração flagrante e substancial da edição em causa. Nenhuma obra de doutrina pode ser modificada ao bel prazer dos tradutores. As modificações periódicas nos livros só podem ser feitas pelo próprio autor. Ninguém mais tem o direito de alterar o que o autor deixou escrito. Nem ele mesmo, o autor, em possível comunicação mediúnica, pode fazer isso. A morte do autor sela a sua obra, na Terra, em forma definitiva. Não fosse isso e o que seria das obras clássicas da cultura em todo o mundo? A ilação da FEESP é simplesmente insustentável.

Ainda nesse mesmo item quarto alega a Federação que a exclusão da palavra "santo" das assinaturas de mensagens mediúnicas de O Evangelho Segundo o Espiritismo tem seu precedente na exclusão habitual dessa palavra que se faz em citações de textos evangélicos. A alegação é improcedente. Quando se repete um texto evangélico faz-se a indicação, por exemplo: "Mateus. 2-3", subentende-se que Mateus é o evangelista, o que dispensa o título de "santo". Além disso, nas citações exigem-se naturalmente indicações abreviadas. Isso não justifica, de maneira alguma, a deformação intencional das assinaturas de mensagens mediúnicas de personagens históricas, como se vê na tradução adulterada.

5.o) No item quinto a Federação reclama o direito a críticas normais, conducentes ao aprimoramento do trabalho e apresentadas em termos serenos, fraternais e construtivos. Minhas críticas foram normais e justas, tão fraternais que cheguei a declarar que o tradutor era um espírito conceituado, do qual não podíamos esperar a adulteração cometida. Foram e são conducentes ao aprimoramento (não do trabalho de adulteração, que para esse não contribuirei de maneira alguma) mas para o trabalho de tradução. Indiquei um por um os pontos a serem corrigidos na tradução, para que ela possa ser publicada sem prejuízo para a doutrina e o movimento espírita. Faça o Sr. Paulo Alves Godoy essas correções, repondo as expressões de Kardec no devido lugar e não terei nada a objetar. Quanto à serenidade, não me parece que o fato de ela ser enérgica revela falta de serenidade. Estamos diante de um crime contra a doutrina e não podemos usar de palavras melífluas e expressões de falsa tolerância. A construtividade da crítica está precisamente na sua capacidade de despertar a consciência de quem errou ou daqueles que erraram.

6.o) O sexto e último item do pronunciamento da Federação Espírita do Estado de São Paulo se limita a acentuar que ela é uma colmeia de trabalho e de fraternidade. Não disse o contrário em minha crítica. O que não queria era que nesse trabalho se incluisse o de adulteração dos textos doutrinários. É lamentável que isso tenha acontecido em São Paulo, cujo movimento espírita guarda uma tradição respeitável de fidelidade a Kardec. A Federação encerra o seu pronunciamento com estas palavras: "Sem mais nada declarar, além de que continuará confiante no Alto, aguardando através da linguagem tranquila do tempo o veredito final, tanto sobre as obras como quanto à validade das intenções". Essa validade das intenções era precisamente o que me deva esperanças num pronunciamento posi-

tivo, que infelizmente se efetivou ao contrário. É também no Alto e no Tempo que eu confio. Mas quanto à linguagem, prefiro a dos homens, adaptada à linguagem evangélica de Jesus e à linguagem positiva de Kardec, ambas isentas de subterfugios, claras e exatas nas expressões, empregando as palavras certas, sem nenhum ressaibo de santidade farisaica. Há de surgir no movimento espírita um novo discípulo de Jesus, que, à maneira de Kardec, nos ensine a falar e escrever de novo na linguagem corajosa da verdade.

## ANATOMO - PATOLOGIA DA ADULTERAÇÃO

Toda doutrina se constitui de conceitos e princípios. Os conceitos são representados por palavras que só podem ser substituídas por sinônimos perfeitamente equivalentes. Qualquer substituição de palavras exatas por outras imprecisas desfigura a doutrina. Os conceitos são expressos por frases e expressões positivas, perfeitamente definidas. Qualquer substituição dessas frases e expressões, por outras de natureza imprecisa ou ambígua, adultera fundamentalmente a doutrina.

Na tradução adulterada de O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Paulo Alves Godoy, a adulteração não se limita ao aspecto oral ou formal do texto, como pretende a Federação — não é superficial — penetra na estrutura lógica da doutrina, desarticulando-a profundamente. Como verão os ouvintes, qualquer observador atento, ao contrário do que sustenta a Federação, logo verá que as modificações não são superficiais, mas de natureza orgânica, destruindo a ordem lógica da doutrina e nela instalando a desordem das contradições.

A melhor maneira de se destruir uma doutrina é precisamente essa. O próprio Kardec já afirmava em O Livro dos Espíritos que o primeiro requisito de uma doutrina é o de ser lógica, de mostrar-se coerente. Graças a essa coerência o Espiritismo enfrentou galhardamente todas as campanhas religiosas, científicas e filosóficas desfechadas contra ele. Mas se aceitarmos a sua adulteração, iniciada agora pelos próprios espíritos, o Espiritismo morrerá por si mesmo, como um organismo destruído por infecção progressiva ou por doses sucessivas de veneno corrosivo.

A substituição da palavra "milagres" pela expressão "fatos paranormais" é a primeira novidade que a tradução adulterada apresenta. Um suposto caso de atualização, ensaio frustrado no campo da comunicação. Porque? Porque a expressão parapsicológica fatos paranormais não corresponde a milagres. É uma expressão científica que exprime conceito bem definido: fato ou fenômeno de ordem psicofisiológica produzido por um sujeito paranormal. Jesus não é interpretado no Espiritismo como sujeito paranormal mas como um ser humano que superou a condição humana, atingindo o plano da angelitude, segundo o princípio doutrinário da evolução dos seres. Jesus é o demiurgo platônico, o espírito superior que criou a Terra e a dirige. A adulteração de apenas essa palavra, milagre, põe o Evangelho Segundo o Espiritismo em contradição com os Evangelhos de Jesus e com as demais obras da Codificação. Estabelece o conflito no seio da doutrina.

As pessoas pouco afeitas a estudos sérios, ao trato com o mundo dos conceitos e dos princípios, não percebem facilmente a gravidade de um problema desta natureza. Por isso diz a sabedoria popular: "Cada macãdo no seu galho". Para tratar de uma doutrina a pessoa interessada precisa saber o que é uma doutrina, como ela se estrutura, o que nela representam as palavras e as expressões.

A substituição da expressão espíritos maus por espíritos menos bons pode parecer um ato de piedade (por sinal que uma piedade muito abstrata e bizantina) mas na verdade é uma agressão à doutrina. Se todos os espíritos são bons numa diferença apenas de graus, o que faremos do conceito do bem e do mal? Existe ou não existe o mal? Se não existe, porque o Evangelho de Jesus se refere a espíritos maus e espíritos imundos? E porque doutrinamos espíritos perseguidores e vingativos?

Vivemos no plano do relativo, segundo ensina o Espiritismo. O mal é transitório, mas existe em nosso plano e só podemos conhecê-lo na sua

relação com o bem. Esse princípio do bem e do mal, que o Espiritismo explica, é fundamental na doutrina, como é fundamental no Evangelho de Jesus. Não obstante, a adulteração o nega, ferindo um dos pontos fundamentais da estrutura lógica da doutrina. O Svangelho Segundo o Espiritismo transforma-se num livro ilógico.

O tradutor substituiu o expressão clássica evangélica **Amai aos vossos inimigos** por esta expressão ambígua e ridícula **Amar aos que não nos amam**. Triste ensaio de desatualização no campo da comunicação. Negar a existência de inimigos é negar uma realidade palpável e constante na Terra. O Espiritismo se desatualiza com essa mudança sem sentido, perde o seu contato com a realidade, transforma-se numa doutrina de sonzoadores lunáticos. Que belo prato para a zombaria dos adversários da doutrina!

Os que não nos amam não são os inimigos. Estes nos odeiam. Os que não nos amam são os que não privam conosco, os que não nos conhecem. O princípio do amor ao próximo, básico no Evangelho de Jesus, evapora-se no ar. A amplitude que Jesus lhe deu, com a frase incisiva e concreta: **Amai aos inimigos**, dilui-se numa generalidade indefinida. Kardec é reduzido à condição de um debilóide.

A exclusão das palavras **mau, ódio, inimigo**, do texto de Kardec é uma violência contra a sua posição lucida e lógica diante dos problemas do mundo, uma tentativa de reduzi-lo a um místico de sacristia, a um esquizofrênico incurável. O princípio da sociabilidade, a **teoria do homem no mundo**, pontos de importância fundamental na doutrina, são destruídos pela adulteração.

O Espiritismo é contrário aos processos de isolamento das criaturas para se dedicarem a Deus. É contrário ao otimismo cor de rosa das pessoas panglosianas, que por toda parte só vêem o bem. O Espiritismo nos ensina a mergulhar no mundo e vive-lo como ele é, porque só assim, nos embates da experiência, podemos conhecer a realidade e aprender a dominá-la. Esses princípios espíritas coincidem com os do Evangelho de Jesus. Mas o tradutor entende que Jesus, o **Meigo Nazareno** (como a ele se refere) era um místico incapaz de nos preparar para a dura escalada da existência terrena.

Num comentário à Parábola das Bodas o tradutor rejeita a sua autenticidade, alegando que Jesus não poderia ter usado aquela expressão final: "Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores". Trata-se de uma parábola, de uma alegoria, não de uma ordem de Jesus nesse sentido. A seguir, põe em dúvida a própria validade dos textos evangélicos, alegando que eles foram escritos por judeus e por isso estão cheios de expressões violentas. A verdade histórica é bem outra: os Evangelhos foram escritos por críticos, apóstolos de Jesus e discípulos dos apóstolos, que se basearam em suas próprias recordações e nos textos primitivos, escritos em forma de anotações no próprio tempo de Jesus.

A tradução do Sr. Paulo Alves Godoy compromete a Federação Espírita do Estado de São Paulo, que tem por dever inalienável oferecer ao público textos legítimos das obras doutrinárias, sem desfigurações e sem interpretações pessoais. Recusando as críticas justas e construtivas que fizemos e endossando a adulteração, a nobre instituição dos espíritas paulistas trai as suas finalidades e se reduz a um grupo isolado, pois é evidente que a maioria dos espíritas não poderá aceitar de olhos fechados a desfiguração de sua própria doutrina. Só as pessoas desatentas, ou as que não conhecem doutrina, poderão bater palmas à atitude que ela acaba de assumir.

Chegamos ao final desta análise dolorosa dos fatos que surpreenderam o meio espírita de maneira chocante, nestes últimos dias. Queremos deixar bem claro que não podíamos silenciar, neste programa, a respeito dessas questões. Há quatro anos o Programa No Limiar do Amanhã vem lutando para manter o Espiritismo em alto nível, no lugar que realmente corresponde à doutrina, perante as pessoas de cultura e de bom senso. Num instante a instituição de vanguarda anula todo o nosso trabalho. Como nos escreve, de Buenos Aires, o filósofo espírita Humberto Mariotti: "Parece que o Espiritismo chegou cedo demais à Terra. Não estamos preparados para compreendê-lo".

Aqui chegamos ao limite do conteúdo essencial do programa proibido. E proibido porque e por quem? Não pela censura oficial, mas, segundo agora me informa o próprio diretor da Rádio Mulher, pelo Grupo Espírita Emmanuel, de São Bernardo do Campo, que patrocinava simbolicamente as transmissões do programa.

## BACIA DE PILATOS

O programa No Limiar do Amanhã nasceu de um convite pessoal do Sr. Roberto Montoro, diretor da Rádio Mulher, ao Prof. Herculano Pires, para fazê-lo com absoluta independência. Como ambos pertenciam ao Grupo Espírita Emmanuel, de São Bernardo do Campo, e para que o programa não parecesse puramente pessoal, combinaram ambos apresentá-lo como produção daquele grupo, que jamais teve qualquer interferência no programa.

Agora, em resposta à sua carta de afastamento da direção do programa, o Prof. Herculano Pires recebeu a carta abaixo, na qual se revela que o programa proibido está de posse do aludido grupo (script e gravação). Tudo isso se passou à inteira e absoluta revelia do criador do programa. A bacia de Pilatos não podia faltar neste caso.

São Paulo,  
25 de novembro de 1974

Ilmo. Sr.  
PROF. J. HERCULANO PIRES  
Rua Dr. Bacelar nº 505  
CAPITAL

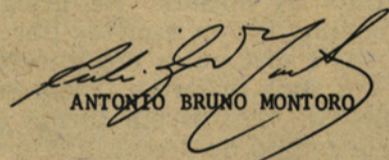
Prezado Senhor:

Damos em nosso poder sua carta datada de 20 do corrente e que passamos a responder.

Inicialmente, devemos informá-lo de que V.S. - elaborou em erro ao endereçar a referida missiva à esta Emissora, uma vez que o programa, - assunto da mesma, como é do seu conhecimento, - é de responsabilidade do GRUPO ESPÍRITA EMMA - NUEL que a esta altura já está de posse do -- "script" e gravação do programa censurado, o - que não ocorria em 16 do corrente.

Em razão disso, julgamos desnecessárias quaisquer outras considerações com referência a pensamentos e conceitos contidos na sua carta e, igualmente, lamentamos profundamente o ocorrido.

Pelo que acima foi dito, anexamos a carta em questão a fim de que V.S. dê a mesma o destino correto.

  
ANTONIO BRUNO MONTORO

## mensagem

Órgão do Grupo Espírita

Cairbar Schutel

de Vila Clementino

Ano 0

N.º 0

Rua Dr. Bacellar, 505 — 04026 — S. Paulo  
Diretor: J. Herculano Pires  
(Departamento de Doutrina)

Equipe de secretaria e redação em organização

(Todo o pessoal de direção, redação e administração trabalha no regime de gratuidade das instituições espíritas).

Este jornal não tem finalidade comercial

Composto pela Editora Afa Ltda.  
Avenida Liberdade, 704

Impresso por:  
JORNAL PAULISTA LTDA.  
Rua Cintra Gordinho, 56  
— SÃO PAULO —

## ETIOLOGIA DA ADULTERAÇÃO

É estranho que pessoas integradas na Doutrina Espírita, que há longos anos militam na prática e na divulgação do Espiritismo, com bons serviços prestados à causa, subitamente se convertam num grupo adúltero das obras básicas. O fenômeno causou espanto no meio doutrinário e muitas pessoas sensatas formulam indagações a respeito. Algumas se contentam com a hipótese de uma investida irresistível do mundo espiritual inferior. Outras recorrem a hipótese de revivência de automatismos inconscientes do passado. Outras atribuem o fato a influência místicas de Emmanuel e Chico Xavier, que vêm usando de alguns anos para cá, expressões como **menos felizes e menos bons** nas mensagens psicográficas de ambos.

Parece-nos difícil localizar a origem do fenômeno em apenas uma dessas causas. Todas e las, e outras ainda, devem participar de um complexo etiológico de análise difícil. A influência das mensagens psicográficas referidas é patente e até mesmo indicada pelos adúlteros em suas notas explicativas. Mas a verdade é que, sem outros fatores fundamentais, essa influência não exerceria ação decisiva. Supõe-se que velhos militantes espíritas devem estar armados contra influências dessa natureza, podendo aceitar o emprego de expressões dessa ordem como características de um determinado espírito ou mesmo de um médium, sem deixar-se empolgar por elas. Quais seriam, então, os fatores fundamentais que predispueram as vítimas à aceitação e ao endosso dessas formas de expressão? Vejamos se é possível localizá-los e defini-los em nossa tentativa de investigação.

1.0) O primeiro fator predisponente que conseguimos localizar é a tendência mística da grande maioria dos espíritas. Essa tendência não decorre de condições individuais específicas, ligadas a reencarnações anteriores e recentes, mas da própria natureza humana e de condicionamentos sucessivos em várias reencarnações. A lei de adoração, de que trata Kardec, fonte do inato sentimento religioso do homem, predispo-nos a todos, naturalmente, a uma aceitação pacífica de estímulos de ordem mística. O controle da razão, que deve equilibrar o impulso místico, na fórmula espírita da fé raciocinada, nem sempre se mostra eficiente. E isso por um motivo compreensível: o longo passado místico da Humanidade, que vem da magia primitiva até à era das grandes religiões mitológicas, e posteriormente à das religiões proféticas ou reveladas, supera de muito, em extensão temporal e em profundidade afetiva, à era da razão, que só se definiu no século XVIII.

A maioria absoluta da população terrena está ainda na fase de seu desenvolvimento emocional. Parece-nos evidente que Emmanuel, no seu empenho de melhorar o homem através do Evangelho, optou por uma atuação cada vez mais acentuada no plano da afetividade, em que ele se mostra mais acessível. As características racionais do Evangelho são assim consideradas como subsidiárias. Não perdem a sua importância, mas deverão impor-se mais tarde, quando o coração humano estiver domado pela sua incessante pregação amorosa. Para isso muito contribui, também, a personalidade do médium, em que predominam os valores afetivos. Mas, segundo nos parece, a ação emoliente das mensagens, aplicada intensamente no plano popular, deve ser contrabalançada, nas elites mentais, pelo bom senso kardeciano. A ação de Emmanuel e Chico Xavier, portanto, não é negativa, tornando-se negativa a passividade dos elementos mais intelectualizados, que por comodismo, preguiça mental ou mesmo pela incapacidade de dominar os impulsos ancestrais — o que desperta o temor arcaico da ira celeste — se entregam de maneira semiconsciente à onda popular das tendências emocionais. É mais fácil deixar-se levar na onda do que saltá-la para fixar-se no plano racional. Toda a série de automatismos afetivos de um longo passado influi nessa situação, predispondo o nosso movimento doutrinário a desvios emocionais perigosos, em que o raciocínio funciona sob os freios de impulsos emotivos.

2.0) A incultura geral (fenômeno social que é o reverso do processo superior de cultura geral) reflete-se na falta absoluta de formação espírita da maioria dos adeptos. A consequência desastrosa é inevitável: criaturas despreparadas elevam-se a cargos direcionais de instituições

doutrinárias. Se possuem um pouco de audácia logo se projetam como líderes carismáticos. Arrogam-se autoridade inaceitável no meio espírita e, diante da inaptidão da maioria, transformam-se naqueles guias cegos de cegos de que trata o Evangelho. Conduzem ao barranco os companheiros de cegueira, que neles passam a confiar cegamente. Fazem-se de oráculos. Fingem de médiuns quando necessário. Apoiam-se em manifestações fantasiosas de espíritos pretensamente superiores e no prestígio imaginário de instituições que se tornam representativas, não da doutrina, mas de uma forma inadequada de institucionalismo igrejeiro, averso ao espírito doutrinário. Formam igrejinhas interesseiras, onde todos disputam um lugar no coração do mestre improvisado. Dominam pela falsa aparência, que mal disfarça a olhos mais argutos a substância real de que são feitos. Tomam conta das assembléias e impõem as suas decisões por força da maioria, composta ao mesmo tempo de ingênuos e de ambiciosos espartos.

3.0) A inocência ocupa também o seu lugar nesse quadro, criaturas inocentes aparecem no caso como as flores no charco. Vejo-as como a figura primaveril do quadro de Gainsborough, os olhos azuis muito abertos à estranha realidade do mundo, o rosto irradiando uma esperança angélica, os cabelos loiros flutuando sobre os ombros juvenis. Não interessa a idade nem o sexo. São todas jovens e acreditam com simplicidade e pureza na autenticidade das coisas e dos seres. Deixam-se levar como pétalas na correnteza lodosa. Tornam-se inocentes úteis.

Como observamos de início, o processo etiológico da adúlteração é demasiado complexo. Limitamo-nos a examinar os seus pontos em torno de um núcleo: o egocentrismo. Como nas constelações atômicas, quanto mais se aprofunda a pesquisa, mais elementos vão surgindo.

### TERAPEUTICA E PROFILAXIA

Medidas a serem tomadas sem mais de mora

De todo o exposto resulta evidente que os fatores básicos da adúlteração podem ser resumidos nos seguintes:

1.0) Falta de conhecimento doutrinário e de formação espírita.

2.0) Necessidade de conscientização da responsabilidade espírita.

3.0) Inadequação do processo de institucionalização em curso.

A terapêutica e a profilaxia a serem aplicadas à situação anômala, em caráter de urgência, parece-nos que deve ser a seguinte:

1.0) Organização imediata de cursos de Espiritismo nos Centros, Grupos e demais instituições espíritas, baseados nas obras fundamentais da Doutrina, com rejeição total de formas estranhas de orientação, como a de série **Iniciação Espírita**, da FEESP, em que predominam opiniões pessoais e lamentável mistura de elementos procedentes de outras doutrinas espíritualistas diversas, fomentando um processo de sincretismo desfigurador.

2.0) Fundação de um Instituto de Cultura Espírita, orientado por critério seguro de pesquisas e estudos da obra de Allan Kardec e com instalação de cursos de Espiritismo em nível secundário e superior.

3.0) Renovação total dos quadros diretores da Federação Espírita do Estado de São Paulo e reajustamento de suas normas de trabalho às exigências da Doutrina Espírita, com rejeição de todas as práticas internas e cursos atuais que conflitam com os princípios doutrinários.

4.0) Recondução da USE (União das Sociedades Espíritas do Estado) às fórmulas iniciais da sua formação, como um movimento livre de confraternização para atividade em comum no plano geral, sem prejuízo para a independência das instituições adesar e sua capacidade inviolável de iniciativas próprias.

5.0) Reconhecimento oficial e explícito, pela USE e a FEESP, dos desvios doutrinários da FEB (Federação Espírita Brasileira) opondo-se ambas à propagação do Roustinguismo, como forma evidente e grossiera de decalque e adúlteração da obra de Kardec.

Sem essas medidas não sairemos da situação calamitosa em que nos encontramos e cujo sintoma mais agudo é a adúlteração do **Evangelho Segundo o Espiritismo** pela própria FEESP, com a ameaça declarada de extensão do processo adúlterador a toda a Codificação.